
Pode vir dinheiro novo

por Maria Clara R.M. do Prado
de Brasília

O presidente do Citibank e também da holding Citicorp, John Reed, revelou ontem que a última parcela no valor de US\$ 600 milhões do projeto de "dinheiro novo", negociado em 1988, poderá ser renovada pelos bancos credores do Brasil. Aquela parcela deixou de ser liberada pelos bancos diante da suspensão do pagamento dos juros no ano passado, "mas não está totalmente perdida", conforme adiantou ele.

Mesmo que os bancos concedessem ao Brasil um "waiver" — pedido de dispensa — pelo não cumprimento do acordo, e que aqueles US\$ 600 milhões fossem usados para ajudar no refinanciamento de parte dos juros atrasados neste ano, o País teria de comparecer com recursos de seu caixa. "O Brasil teria de fazer um pagamento", disse o presidente do maior credor privado do País, acrescentando que a questão

teria de passar pelo crivo dos acionistas dos bancos.

Falando sobre a hipótese de um pagamento mesmo que simbólico dos juros, o negociador brasileiro, embaixador Jorio Dauster, qualificou a questão como contábil, revelando que "é um problema de caixa do Tesouro". Dauster acenou, portanto, com uma perspectiva: "a possibilidade de que venha a pagar os atrasados decorre da capacidade efetiva do setor público, sem que se faça uso de recursos inflacionários", disse ele, referindo-se a eventuais margens para pagamentos adicionais.

As pressões pelo pagamento de pelo menos uma parte dos juros tendem a crescer na medida em que chega perto o final do terceiro trimestre do ano, quando os bancos apresentam seus balancetes nos Estados Unidos. Por coincidência, vence em meados de setembro um novo montante de juros devidos aos bancos.
